

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A sacralização de um movimento político-cultural na década de 30: O Integralismo de Plínio Salgado.**

Patrícia Schmidt\*

**Resumo:** Neste artigo, discutiremos como Plínio Salgado, durante a Ação Integralista Brasileira (1932-1937), buscou legitimação de seu discurso político no discurso religioso, num pensamento centrado no espiritualismo cristão, onde proclama uma doutrina de redenção, uma “*revolução espiritual*” onde o lema: “*Deus, Pátria e Família*” passa a constituir o cotidiano dos “Camisas-verdes”.

Palavras-chaves: Integralismo, espiritualismo, sacralização.

**Abstract:** On this article, we will discuss how Plínio Salgado, during the **Integralist** Brazilian Action (1932-1937), searched for the legitimation of his politician speech in the religious speech, and on conception centered on Christian spiritualism, where proclaims on redemption doctrine, a “*spiritual revolution*”, where the moto “*God, Motherland and Family*” constitutes the everyday life of the “*Green-Shirts*.”

**Key-works:** Integralism, spiritualism, sacralization.

Não há nenhuma novidade ao afirmarmos que a Religião influencia nossas vidas em vários âmbitos, e que exerce poder sobre nossa maneira de estar no mundo, em nossas práticas cotidianas. Interessante é podermos pensar que a religião forma opiniões, exercendo uma influência muitas vezes silenciosa, camuflada, principalmente quando formos falar em legitimar ações e consagrar personalidades. Marilena Chauí nos alerta que há na política contemporânea o retorno da teologia política: “fenômenos que marcam a política contemporânea: de um lado, a despolitização da sociedade, de outro, o ressurgimento do fundamentalismo religioso não apenas como experiência pessoal, mas como interpretação da ação política – ou seja, o retorno da teologia política” (CHAUÍ, 2004a, p.110), e que os políticos assumiram os lugares dos profetas como se fossem “intérpretes da vontade divina, chefes infalíveis” (CHAUÍ, 2004b: 112).

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, mestranda, agência financiadora: capes.

Como se sabe, o racionalismo não resolveu os problemas da humanidade e ainda acreditamos que o invisível possa nos dar conforto e que o irracional, muitas vezes, pode nos fornecer as explicações que a razão não conseguiu alcançar, necessária para podermos sobreviver em sociedade; por isso muitos continuam acreditando em milagres, profetas predestinados, “guerra santa”, sacrifícios para poder chegar ao tão idealizado paraíso. O papel legitimador exercido pela religião sobre a política é claro.

Seguindo o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu (1987a:46), a Religião possui função na sociedade, que a seu ver é ideológica:

*... a religião está predisposta a assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário (...) Em outros termos, a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela 'naturalização' e pela eternização)*

Quando Bourdieu fala em legitimação e sacralização pela naturalização e pela eternização, nos remete ao historiador Alcir Lenharo (1986a:18), quando este afirma que:

*A sacralização da política visava dotar o Estado de uma legitimidade escorada em pressupostos mais nobres que os tirados da ordem política, funcionando como escudo religioso contra as oposições não **debeladas**. Da mesma forma, os canais convencionais, alimentados pela religiosidade, podiam ser utilizados como condutores mais eficientes dos novos dispositivos de dominação que o poder engendrava.*

O homem sempre utilizou o discurso religioso para legitimar o discurso político, usando-o como “escudo” para se proteger e também se assegurar no poder, pois o “... campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política...” (BOURDIEU, 1987b: 69). A política faz uso de todo poder simbólico e do apelo imagético, como recurso de auto-representação, como demonstra Lenharo (1986) no exemplo da contínua utilização da cruz para impor a ordem. A impressão que fica é de que a política e a religião andam sempre de “mãos dadas”, e o povo por sua vez, sempre espera um “messias” que possa encaminhá-lo para a salvação.

Muitos no decorrer da nossa história sabiam desta “função ideológica” da religião e de como a sacralização da política poderia manter a ordem e criar a sensação de que o poder para determinadas camadas sociais ou indivíduos específicos fosse “natural”. Um destes

personagens da historiografia brasileira é o “chefe” da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado, que não abriu mão da legitimação de seu discurso pela via da religião, num pensamento centrado no espiritualismo e no cristianismo, numa doutrina “redentora” para o povo brasileiro<sup>1</sup>, que possui como lema: *Deus, Pátria e Família*. Vejamos como o discurso religioso é apropriado na construção de uma doutrina político-cultural.

O espiritualismo é o fundamento da doutrina integralista, que crê na existência de um Deus que cria e gerencia a vida dos homens. Tanto os homens quanto a sociedade caminham em direção à sua finalidade maior, que é espiritual e moral. Na concepção pliniana existem dois planos que são essenciais e ao mesmo tempo antagônicos: o material e o espiritual, que devem estar em equilíbrio, pois quando o materialismo absorve o plano espiritual ocorre o predomínio do dinheiro, do individualismo, da desagregação da sociedade, então a sua luta está centrada no combate ao materialismo que domina os homens e que os transformou em “robôs” guiados pelos instintos. A solução é voltar-se para o espiritual e retomar o equilíbrio perdido, através do aperfeiçoamento moral e espiritual. Para Plínio (SALGADO, 1955a: 121), o integralismo visa:

*... promover o aperfeiçoamento moral e espiritual da Nação, declara-se pelo **espiritualismo** contra todas as correntes materialistas de pensamento e de ação, que acobertadas pelo liberalismo vêm exercendo a sua obra nefasta de desintegração de todas as forças vivas da Pátria*

São as “leis do espírito”, e não o materialismo gerido pelo dinheiro, que irão salvar o homem. Valorizando a concepção espiritual o homem criará consciência e poderá, por sua vontade, lutar contra a degradação social e moral.

*O materialismo é o inimigo produzido que precisa ser combatido, podendo assumir várias faces, como nos mostra Lenharo ao citar Lefort, quando este argumenta que: “O alvo é o outro maléfico, a ameaça externa, o inimigo a ser necessariamente produzido e combatido incansavelmente” (LEFORT apud LENHARO, 1986b:147). O materialismo pode ser então o burguês, a maçonaria, a imoralidade, o judaísmo ou, em suas manifestações mais danosas e perigosas o comunismo e o liberalismo.*

Para demonstrar como este combate: espiritualismo X materialismo estava inserido no cotidiano dos militantes, utilizamos o depoimento do porto-alegrense, ex-

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que Plínio Salgado nasce numa família católica e que sofre com duas mortes na família, primeiro de seu pai, quando ainda é menino e depois de sua esposa. Muito transtornado, volta-se para a religião com fervor e se aproxima de pensadores católicos como Jackson de Figueiredo e Farias Brito, acarretando uma ligação com o espiritualismo católico.

Já com o movimento integralista consolidado, Plínio diz se afastar de qualquer vínculo com instituições religiosas, afirma que o integralismo não era catolicismo e sim espiritualismo como veremos a seguir.

integralista, Emílio Otto Kaminski, em entrevista ao Centro de documentação AIB/PRP<sup>2</sup> (CALIL e SILVA, 2000a: 38 grifos nossos) que nos esclarece:

*... o integralismo era um movimento que punha o econômico abaixo do moral, abaixo do religioso. Porque o comunismo põe o econômico em primeiro lugar e o resto não interessa, pelo contrário, são contra a religião, são contra todos os movimentos espirituais, porque consideravam o homem como matéria. E o integralismo considera o **homem como alma, mente e corpo***

O senhor Emílio nos fornece o conceito de “homem Integral”, um sujeito total: alma, mente e corpo, que deveria prezar sempre pelo espiritual. Também se pode perceber na fala do ex-integralista a absorção dos ideais doutrinários como também a clara demonização do inimigo, que na sua fala é o comunismo. Observa-se que a sacralização se legitima pela escolha de um inimigo em potencial para mobilizar os militantes, o “*outro maléfico*” que nos fala Lefort.

Já no que diz respeito à ligação do movimento às instituições religiosas, nas diretrizes integralistas número XX, fica expresso o que seria na teoria a relação do Integralismo com a Igreja: “O princípio do Integralismo em matéria de cooperação religiosa é o regime de concordata, sem perda de autonomia das partes e visando sempre a grandeza nacional dentro do ideal cristão da sociedade”(SALGADO, 1955b:122). Na revista *Anauê* (*Anauê*, jan.1935. ano I, n.1, p.40) há referências dos elos que ligavam os interesses do movimento a instituições religiosas:

*O integralismo não admite a exclusividade de uma religião por aceitar todas as religiões que adoram a Deus, amam a Pátria e respeitam a família (...) que sendo totalitário aceita todas as convicções religiosas uma vez que abracem aquella trilogia: Deus, Pátria e Família (...) se o inimigo é commum justo e necessário é que contra elle se unar todos que lhe são contrários.*

Podemos perceber no artigo em questão, que as religiões que comungam os mesmos ideais integralistas e que possuem os mesmos inimigos são bem vindas. O bispo Inocêncio, no *Jornal do Brasil*, em 1937 abençoa os ideais integralistas: “Deus, Pátria, Família, nobre divisa do Integralismo, como de todo o homem que raciocina cristãmente” (SALGADO, 1955c: 214).

O espiritualismo integralista é sem dúvida pautado pela doutrina cristã, que constitui sua matriz discursiva. Vejamos o exemplo através desta publicação na revista *Anauê!* (*Anauê!*, dez.1935. ano I, n.5,p.36) onde até o próprio Deus é integralista!

<sup>2</sup> Todos os depoimentos contidos no decorrer deste artigo são extraídos do livro: *Velhos Integralistas. A memória de militantes do Sigma*, produzido pelo Centro de Documentação AIB/PRP localizado em Porto Alegre, e organizado pelos pesquisadores Carla L Silva e Gilberto G Calil.

*“Deus é integralista, disse um dos nossos oradores!*

*Quem não experimentou os efeitos benéficos da transformação espiritual, de certo não compreenderá o sentido exato da revolução interna, porque integralismo é renúncia!...*

*Cristo pregou o bem e a salvação e foi tido como louco e embusteiro e foi crucificado entre dois ladrões!*

*Obra de fariseus...*

*E dessa casta o mundo está cheio....*

*Já muitos camisas-verdes tombaram na luta pelo bem do Brasil. Outros ainda serão sacrificados, porém a idéia permanecerá e a vitória será certa, porque é o espiritualismo contra o materialismo, é o bem contra o mal. Deus é integralista!*

Podemos perceber através desta publicação como o movimento procurava passar suas diretrizes doutrinárias, priorizando a transformação espiritual, revolução espiritual, a renúncia, a perseguição de seus “inimigos”, o sacrifício pela “causa do Brasil”, a luta do bem (espiritualismo integralista) contra o mal (materialismo). São nestes pontos que poderemos perceber como se processa a sacralização deste movimento na década de 30.

Para Plínio Salgado, somente através da transformação espiritual que se conseguiria chegar a “*Revolução de Espírito*”, que iniciaria dentro do movimento, porém com o abnegado trabalho de seus “*apóstolos*”, o “*evangelho*”, a doutrina “*redentora*” do Sigma atingiria a vida de todos os brasileiros. Ricardo B. de Araújo (1987:63, grifos nossos) nos diz que:

*.... revolução espiritual, interior (...). Ela deverá ser iniciada pelo esforço de um pequeno grupo de homens, que ele (Plínio Salgado) chama de ‘apóstolos’, de ‘evangelizadores’. Reunidos originalmente no integralismo, esse ‘pioneiros’, fecundos pelo espírito revolucionário, precisam, todavia, fazer com que este espírito penetre nas multidões, fortalecendo-se vagarosamente até que ‘quando menos se espera, a idéia nova deixa de pertencer aos seus criadores, aos seus intérpretes e pioneiros para pertencer a toda a massa popular.*

A “*Revolução Interior*” pretendia criar um novo homem, através de transformações que ultrapassariam a política, a economia, relegada à segunda ordem, mas que pudessem atingir o espírito, a consciência de todos; consciência que disciplinaria o caos que se encontrava os valores morais<sup>3</sup>, sobrepujados ao materialismo.

No entanto, como Plínio Salgado definia esta “*Revolução*”? Para ele, a revolução é o triunfo do espírito sobre a matéria que só seria possível com a conscientização

<sup>3</sup> Lenharo (1986, p.44) ao citar Felix Guatari, nos alerta para a proximidade do discurso integralista do discurso católico, acerca de temas como sexualidade, família, que vai refletir no ordenamento do cotidiano dos militantes, de seu corpo e mente.

de todos, para que o povo, unido, pudesse intervir nas leis da matéria. Era esta intervenção que Plínio via como Revolução, um movimento de idéias, que atingiria a todos através de uma doutrina que mobilizasse os militantes para a defesa da concepção espiritualista. Para o chefe dos integralistas (SALGADO, 1955d:51).

*Toda revolução é, pois, uma insurreição contra o despotismo surdo da natureza inconsciente. Quem proclama o materialismo é anti-revolucionário....Negar a Deus é submeter-se às leis d matéria. As leis da matéria são o **struggle for life**, a seleção natural....Ser revolucionário é insurgir-se contra essas leis. É reconhecer que existe um outro plano no Universo, além do material.*

Na concepção pliniana existe a “revolução objetiva” e a “subjetiva”. A primeira obedeceria aos impulsos, instintos materiais, sem nenhum valor de espírito, já a “revolução subjetiva” seria a própria invasão do espírito, a consciência agindo sob a matéria na sociedade. Desta forma, podemos perceber que a revolução proposta pelo chefe dos integralistas é subjetiva.

E como o “camisa-verde” vislumbra esta “Revolução Subjetiva” defendida pelo seu “chefe”? Emílio Kaminski (CALIL e SILVA, 2000b, p. 38) nos diz que:

*Era uma Revolução interna, vamos dizer. Devia iniciar pelo indivíduo. Cada indivíduo deveria encarar o mundo não para ele se servir do mundo, mas servir à comunidade, servir aos seus semelhantes. Não se servir. A tendência normalmente do homem é aproveitar ao máximo todas chances que se oferecem, não interessando de que maneira, se é moralmente defensável ou não, e aí ele não liga isso. Então o integralismo propugnava pela Revolução interna, pela Revolução interior, vamos dizer, da pessoa humana*

Para Plínio (SALGADO, 1955e:40), o Integralismo seria a única forma de garantir liberdade e dignidade ao homem oprimido pelo liberalismo, era a salvação para todos os males morais, sociais e políticos do Brasil:

*O Integralismo (...) quer salvar a liberdade humana de opressão do liberalismo . Quer salvar a dignidade do homem do torvo materialismo dos capitalistas e dos comunistas. O integralismo surge como a única força capaz de implantar ordem, disciplina*

A figura do chefe como um predestinado, como um salvador e de sua doutrina como redentora é prática comum dentro de movimento como o integralismo que utilizou-se de vários elementos oriundos de regimes totalitários e é um ponto muito importante nas análises da sacralização do movimento, na cooptação de mais adeptos. A proposta totalitária busca inaugurar um período absolutamente inédito na história, uma “terceira via”, mas para isso se concretizar é necessário que haja uma sociedade homogênea e a presença de um líder excepcional, carismático, onde a democracia não é vista com bons olhos.

Pierre Bourdieu analisou o carisma a partir de suas eficácias simbólicas, e afirma que os agentes religiosos (podemos adaptar sua análise quando falamos de líderes de movimentos extremistas, políticos que fazem uso deste poder simbólico, ao afirmar que são a salvação para a nação, por exemplo) possuem poder simbólico na sua figura e ao aderir à “*ideologia do carisma*”, passam a acreditar na eficácia do poder simbólico que exercem, como realmente sendo predestinados e ou profetas. Bourdieu nos auxilia na compreensão deste importante fator de agregação do militante em torno do chefe integralista ao dizer que (BOURDIEU, 1987c:55):

*... a ideologia da revelação, da inspiração ou da missão, constitui a forma por excelência da ideologia caŕismática porque a convicção do profeta contribui para a operação de inversão e de transfiguração que o discurso profético realiza impondo uma representação da gênese do discurso profético que faz descer do céu o que ele devolve ao céu aqui da terra*

Queiroz Ribeiro, chefe do departamento nacional de polícia, em artigo publicado na revista Anauê (Anauê, jan.1935, n.1. p.62-63) nos fornece a dimensão da figura do chefe Plínio Salgado, qual imagem que se fazia do intelectual preocupado com as mazelas nacionais, que não media sacrifícios pelo bem da Nação, a sua força era a força do movimento:

*E Quem é o chefe?*

*E nós respondemos: É Plínio Salgado, uma expressão nacional do pensamento e da cultura, uma das intelligencias mais robustas do momento actual (...) Plínio Salgado é a força viva de construção (...) foi Plínio Salgado a força viva que ergueu, para tão patrióticos desígnios, o Brasil immenso. A sua força é hoje a força de todos os Camisas Verdes (...) É um forte. É um Homem infatigável, que trabalha de amanhecer a amanhecer, que dedica todos os seus pensamentos a meditações, seus artigos a livros, suas lições e discursos, seu espírito e a própria vida, à Grandeza e Glória do Brasil.*

*É a esse Homem, que despertou a Nação, que os integralistas impuzeram o sacrificio de conduzir os destinos da Grande Pátria*

Porém, Plínio Salgado, de uma forma ambígua ora renuncia seu poder de chefe em prol da massa, afirmando que o chefe supremo dos integralistas é doutrina; ora afirma que a autoridade precisa ser forte para dirigir o movimento(SALGADO, 1955f:189):

*...O Chefe do nosso Movimento exerce as suas funções (...) em obediência à vontade soberana da massa dos camisas-verdes. Cada vez que o Integralismo cresce, duplicando ou triplicando seus efetivos, o Chefe tem cuidado de renovar sua renúncia, perante a massa dos seus comandados. É a vontade absolutamente livre destes que, espontaneamente, delibera, constituindo a suprema autoridade do Partido. Essa autoridade é forte, porque não surge de conchavos (...) É uma autoridade sem compromissos, apta, portanto, a realizar justiça*

A figura do chefe integralista como salvador que ressuscitaria o Brasil com sua doutrina redentora se inserem perfeitamente nestes momentos de crise, de transformações, de enfraquecimento nos princípios que norteiam a vida cotidiana. A década de 30 é um divisor de águas na historiografia brasileira, em que as pessoas tentam buscar ocupar um lugar na sociedade, se fazer representar, se sentir fazendo parte de algo maior, já que antes a política oligárquica afastava das decisões a maioria da população, e quem estava ascendendo economicamente também buscava maior participação política (descendentes de imigrantes, classe médias, que engrossaram as fileiras do integralismo). As “massas” não podiam mais ser ignoradas e sim, dever-se-iam voltar para elas, já que estavam à procura de um “messias” que pudesse conduzi-las, como afirma Francisco Campos: “Os desimportantes, os desesperançados, assistem à ‘ascensão do mytho solar da personalidade’, que virá imprimir ‘unidade de uma vontade dura e poderosa ao chãos de angústia e de medo de que se compõe o pathos ou a demonia das representações collectivas’...” (CAMPOS apud LENHARO, 1986c: 59). Acabar com os medos, as angustias, era a proposta de Plínio, mas só através da doutrina integralista que uniria a todos.

Podemos confirmar o poder simbólico exercido pelo chefe integralista e a re-significação do discurso religioso nas práticas cotidianas dos militantes quando sabemos que o militante precisava fazer um juramento de fidelidade e obediência à doutrina e ao chefe nacional, devendo jurar primeiramente a Deus e depois por sua própria honra que iria trabalhar em prol da AIB, executando, sem discutir, as ordens de seus superiores hierárquicos. Nos seus Estatutos, a AIB proibia a qualquer integralista comentar os atos do chefe nacional, não podia opinar sem consentimento do Chefe e no artigo IX de seus Estatutos: “Para os integralistas a pessoa do chefe é intangível” (CAVALARI, 1999: 53).

No integralismo era necessário atender ao pressuposto disciplinar e se tornar um militante antes de se tornar um cidadão e não poupar sacrifícios em prol do bem maior, reagindo firme e com alegria às perseguições que por ventura vir a sofrer, tudo pelo ideal integralista (SALGADO, 1955g:256, grifos nossos):

*Não olhareis nem à direita nem à esquerda; serei surdos às solicitações; insensíveis às promessas e aos engodos; firmes nas vossas decisões; inabaláveis na **vossa disciplina**, fortes na vossa fé; e nada deveis temer, ainda que desabem sobre a nossa Pátria todas as catástrofes e sobre o Integralismo pesem todas as perseguições*

Segundo Lenharo, “o indivíduo abre mão de sua personalidade e passa a pertencer, de corpo e alma, à nação, ao estado, ao partido e sentir, como nas palavras de

Gentile, ‘o interesse geral como o seu próprio’ ao mesmo tempo que converte a sua vontade na vontade do todo”.(GENTILE, apud, LENHARO, 1986d: 153). Para Plínio Salgado, a alma do povo só desperta através do sacrifício e da dor, unidos em um só corpo.

Plínio Salgado usufrui amplamente desta expectativa popular para se projetar, divulgado que veio para modificar o fluxo da história como para iluminar os caminhos nebulosos do materialismo com sua doutrina espiritualista. No entanto, para isso se concretizar, o militante possuía um papel importante: abrir mão de suas expectativas individuais e trabalhar de forma solidária para a construção do futuro “Estado Integral”, num totalidade “corpo e alma”. Para Lenharo (1986: 196), “o imbricamento dos discursos secular e religioso, relativam-se as diferenças em favor da finalidade comum de condensação do poder e de manutenção da ordem estabelecida”. Plínio não acredita na ordem estabelecida, buscando implantar a sua ordem, num movimento contrário à revolução liberal que iria cada vez mais escravizar o homem no materialismo, por isso utiliza-se da sacralização como garantia de impor suas verdades já que: “A fé opera em terreno que não permite a dúvida e só semeia certezas” (LENHARO, 1986e: 97).

O campo da fé, da crença no messias envolve todo aparato emocional dos militantes integralistas, construindo sua identidade, sua ligação com o “Sigma”, que não representou algo “exótico” aos que viviam o processo político dos anos 30, mas sim uma alternativa aos anseios e expectativas dentro de um contexto histórico específico. Prova da influência da doutrina integralista e do discurso sacralizador de Plínio Salgado é perceptível no depoimento do ex-camisa-verde Mário José Maestri (CALIL e SILVA, 2000c: 97):

*Quando eu morrer, eu quero ser enterrado com o ritual integralista (...) Porque no Integralismo ninguém morre. Iam três anauê quando estão te enterrando (...) Todo mundo bota time de futebol e eu vou botar a bandeira da AIB...*

### **Bibliografia:**

ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução. O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985 (Religião e manutenção do mundo).

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectivas, 1987. (Gênese e estrutura do Campo Religioso).

CHAUÍ, Marilena. O retorno do teológico político. In: CARDOSO, Sérgio (org). *Retorno ao republicanismo*. Belo Horizonte: editora de UFMG, 2004.

CALIL, Gilberto Grassi. SILVA, Carla Luciana. *Velhos Integralistas. A memória de militantes do Sigma*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção História).

CAVALARI, Rosa Maria Feteiro. *Integralismo: Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999. (Coleção História).

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento. As formas de discurso*. Campinas: Pontes, 1987 (O discurso religioso).

SALGADO, Plínio. *Obras Completas*. São Paulo: Américas, 1955.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo o fascismo brasileiro na década de 30*. Rio de Janeiro, Difel, 1979.